

/ Casa Paulo Pires

21 de Março a 15 de Abril

ESCOLA DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO MINHO, GUIMARÃES

Um dos princípios do Ginásio é expor obras que possam reflectir os programas que na Escola sejam abordados em Unidades Curriculares de Projecto. O objecto isolado na paisagem, quer isto dizer, o objecto arquitectónico projectado sem contexto urbano, sem as regras urbanísticas que cartografam a possibilidade de um edifício na sua comunidade entre conjuntos ou, simplesmente, entre as linhas invisíveis que determinam o seu lugar e a sua possibilidade na paisagem, é hoje uma proposta rara. A sua presença nos programas de ensino é, no entanto, um desafio cheio de possibilidades no que se refere aos processos de aprendizagem de arquitectura e é, cada vez mais, um exercício raro na sua prática contemporânea. Ainda assim a história da disciplina está frequentada por exemplos em que essa singularidade serviu como espaço de experimentação ou de afirmação de posicionamentos relativos à arquitectura, normalmente utilizando o seu programa mais elementar ou fundacional, a habitação, como tema ou como pretexto. A casa na Régua, de Manuel Botelho é, entendemos, exemplar pela forma como articula o discurso de um arquitecto-autor com um programa e uma possibilidade de habitar, com um lugar que lhe é próximo, com uma paisagem com que, em vários graus de distância ou aproximação, se relaciona de forma crítica ou selectiva, com as escalas de um edifício na paisagem, e pelo difícil exercício que supõe articular um discurso que se sustente de forma coerente nos vários momentos de um projecto de arquitectura.

Construir no deserto foi um desejo em tempos formulado por Álvaro Siza, compor o silêncio foi uma obra (bastante perturbadora, por sinal) de John Cage, produzir uma ausência sobre uma tela, o verdadeiro minimal, foi um obstinado exercício de Ad Reinhardt, *Anchoring* foi o tema de um texto de Steven Holl sobre a relação de diferenciação de um objecto na paisagem e *Ecomonumentalidad* foi o tema de um outro de Iñaki Ábalos sobre a não diferenciação de um objecto com a sua paisagem. De tudo isto nos poderíamos servir para nos aproximarmos da Casa na Régua, quer isto dizer, com tudo isto lida a Casa da Régua. Não estamos a afirmar que seja a partir das referências acima citadas que se move o discurso arquitectónico de Manuel Botelho mas esta obra partilha das questões abordadas por todos aqueles autores e procura uma síntese autónoma, resultado da experiência e do percurso do seu autor. É este um percurso consistente, feito longe dos vórtices que vão mapeando o panorama arquitectónico português sem, por isso, se diminuir ou se sentir diminuído. A autonomia e a pertinência do discurso de um autor é a sua melhor aspiração e a essa aspiração não se tem furtado Manuel Botelho. A Casa da Régua, longe da simplicidade de formulações que boa parte da arquitectura que se tem feito em Portugal (deveríamos denominá-las estéticas de redução), procura na complexidade

de relações que se criam a partir das vivências que nela se podem estabelecer (cruzamentos de eixos visuais, de usos e de percursos, e as várias acepções do estar dentro e do estar fora) uma arquitectura que possibilite de forma madura e “realista” a vida que nela se poderá gerar, mais do que a sua representação de forma mais ou menos estilizada. Mesmo na maneira como o projecto vai aguentando os sobressaltos do processo da sua execução, que ainda vai sendo uma aventura sobretudo se longe dos grandes centros urbanos.

Manuel Botelho tem construído um percurso de qualidade singular que, acreditamos, se gera a partir da sua formação como indivíduo e como arquitecto - a presença que o estudo em Roma com Ludovico Quaroni terá uma continuidade na forma como a uma pesquisa oficial se somará uma preocupação com os temas fundacionais da disciplina, com a sua história e com as suas teorias. Uma sessão sobre o exercício da reflexão este mês no Ginásio, portanto.

*Bruno Baldaia
Bruno Figueiredo*

O autor estará presente numa sessão de apresentação e discussão da obra no dia 11 de Abril de 2011.

Manuel Tomás de Carvalho Botelho nasceu na freguesia da Rua, no distrito de Viseu em 29 de Dezembro de 1940, numa zona profundamente rural onde passou a sua infância.

Depois do ensino secundário, que fez em escolas portuguesas, frequentou, na Itália, a Universidade Pontifícia Gregoriana e a faculdade de Arquitectura da Università degli Studi di Roma onde se laureou em 1978.

A partir de 1980 leccionou na Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP) e depois na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto desde a sua criação, tendo-se reformado em 2010.

Exerce também a profissão liberal. Obteve o Prémio Nacional de Arquitectura Keil de Amaral (primeiras obras), uma das suas obras foi escolhida para a Exposição de Arquitectura Portuguesa em Bruxelas (Europalia), foi finalista do Prémio Sécil de Arquitectura por mais de uma vez e foi nomeado para o prémio europeu de Arquitectura Mies van der Rohe. Tem obras publicadas em livros e revistas de arquitectura, nacionais e estrangeiras. Escreveu e publicou alguns textos sobre Arquitectura.